

007.0

D486

PP

1896

A

858,696







1



BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

—  
JOÃO DE DEUS  
—

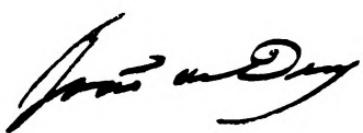
*POESIAS*

LIMA  
LIBRÁ



—  
—  
—

—

A cursive signature in black ink that reads "James A. Day".

---

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

---

JOÃO DE DEUS

*POESIAS*

Com uma carta em verso

DE

EUGENIO DE CASTRO



COIMBRA

Augusto d'Oliveira — Editor  
LIVRARIA MODERNA

19 — Largo do Principe D. Carlos — 25  
1896

D'ESTA EDIÇÃO FEZ-SE UMA  
TIRAGEM ESPECIAL  
DE TRES EXEMPLARES EM  
PAPEL WHATMAN, NUMERADOS.

## **AO DIVINO JOÃO DE DEUS**

Quando nos idos tempos passageiros  
Meus cordeiros guardava, e a minha altura  
Fazia parcer grande a dos cordeiros,

Por um entardecer d'alma brandura  
Maviosa flauta ouvi, tão doce e branda  
Que o seu encanto inda em minh'alma dura.

Ouvindo assim tocar, fui-me em demanda  
Do divo tocador, qual veloz cerva,  
Ou qual o doente que, dormindo, anda;

Porém sentado na crescida herva  
Achei-te a ti, em que encontrar julgava  
Marsyas, que tem a flauta de Minerva.

Agoas e plantas tudo te escutava  
E até o meu rebanho, mais travesso  
Do que um rancho de tityros, parava!

Foi ahi, n'essas margens do Parmesso,  
Que tu, subida gloria das Camenas,  
Por quem o mór apreço é ponco apreço,

Me induxiste a provar as inui amêias  
Agoas d'aquelle fonte e me ensinaste  
A correr os meus dedos p'las avenas;

Foi d'ahi, novo Orpheo, que me levaste  
Pelo Helicon, á fulgida morada  
Das bellas Aganippides, que honraste.

Foi desde aquella tarde bemfadada  
Que, entre os da minha edade tocadores,  
Minha flauta encantou e foi cantada.

A ti, sol dos arcadicos pastores,  
É pois que eu devo o cubiçado tino  
Com que em musica torno o riso e as dores;

Fizeste-me o que sou, genio divino,  
Porquanto os que possuo mer'cimentos  
Menos do engenho vieram que do ensino.

Ss pelos doces, languidos relentos,  
Graças á minha flauta insinuante  
Fiz palpitá d'amor lobos cruentos;

Se fiz parar o curso marulhante  
Do Mondego, se fiz parar, no trevo,  
Do meu rebanho cada rez saltante,

Se logrei enlevar n'um triste enlevo  
As loucas Mimallonides joviaes,  
— Se tudo isso fiz, a ti o devo.

Porém, dos Deuses gloria e dos mortaes,  
Se tanto te devia, estava escripto  
Que devera dever-te muito mais !

A ambição, monstro nunca assaz maldito  
Fez-me odiar a minha solidão,  
D'um sereno pastor fez um proscripto.

Deixei a minha flauta, o meu bordão  
E o meu rebanho, e fui-me a correr terras  
Que sepulturas d'almas virgens são.

De cidade em cidade, subi serras  
E lá de cima, olhando para baixo,  
Só vi angustias, odios, luctos, guerras ...

Da ambição me offuscava o tredo facho,  
Para o mal caminhava, cegamente,  
Qual para o mar o ambicioso riacho.

Por babylonias, entre falsa gente,  
Entre tristezas mil e mil perigos,  
De tantos vicios ver, vi-me doente.

Debalde procurei leaes abrigos,  
Foi pago com traíções o meu amor,  
E só traíções colhi dos meus amigos.

E cada vez o mal ia a pior,  
A tal ponto que a minha dor agreste  
Julguei-a das dor's todas a maior!

Amigo, foi então que me appar'ceste  
E me mostraste como tudo é vão  
Sob a estrellada abobada celeste;

Segundo o teu exemplo, foi então  
Que eu o mundo deixei para voltar  
Aos deliciosos prados da illusão.

Aqui me vim esconder e recobrar,  
Aqui, onde de novo pastoreio  
E onde outra vez Castalia oiço cantar;

De novo bebo o mel do devaneio,  
Minha bocca, em vez d'ais, solta canções,  
A paz voltou suavíssima ao meu seio;

Quaes semicapros ægipans brincões,  
Meus sonhos em frescor humilham rosas,  
São doceis minhas simples ambições;

Vivo calmo a cantar canções viçosas,  
E a ouvir, sempre encantado, o bom Mondego,  
Onde cantam mondegides maviosas !

Sou de novo feliz ! vivo em socego !  
De novo ostenta flor's a sêcca haste,  
De novo o mudo fala e vê o cego !

Graças te rendo, a ti que me ensinaste  
A langer minha avena e que depois,  
Vendo-me já perdido, me salvaste !

Cantem, quando passar's, os rouxinões,  
Sigam-te, como sombras, os poetas,  
Acclamem-te rainhas, reis e heroes !

Que os teus pés pisem só jasmins, violetas,  
Seja-te o inverno doce primavera,  
Realise-se tudo o que projectas !

Comtigo ainda conversar quizera,  
Meu rebanho, porém, vou deitar fóra,  
Que, de se ver sem mim, já desespera.

Aqui não posso ficar mais agora,  
Pois meus olhos, cordeiros saltadores,  
Balindo querem que eu, sem mais demora,

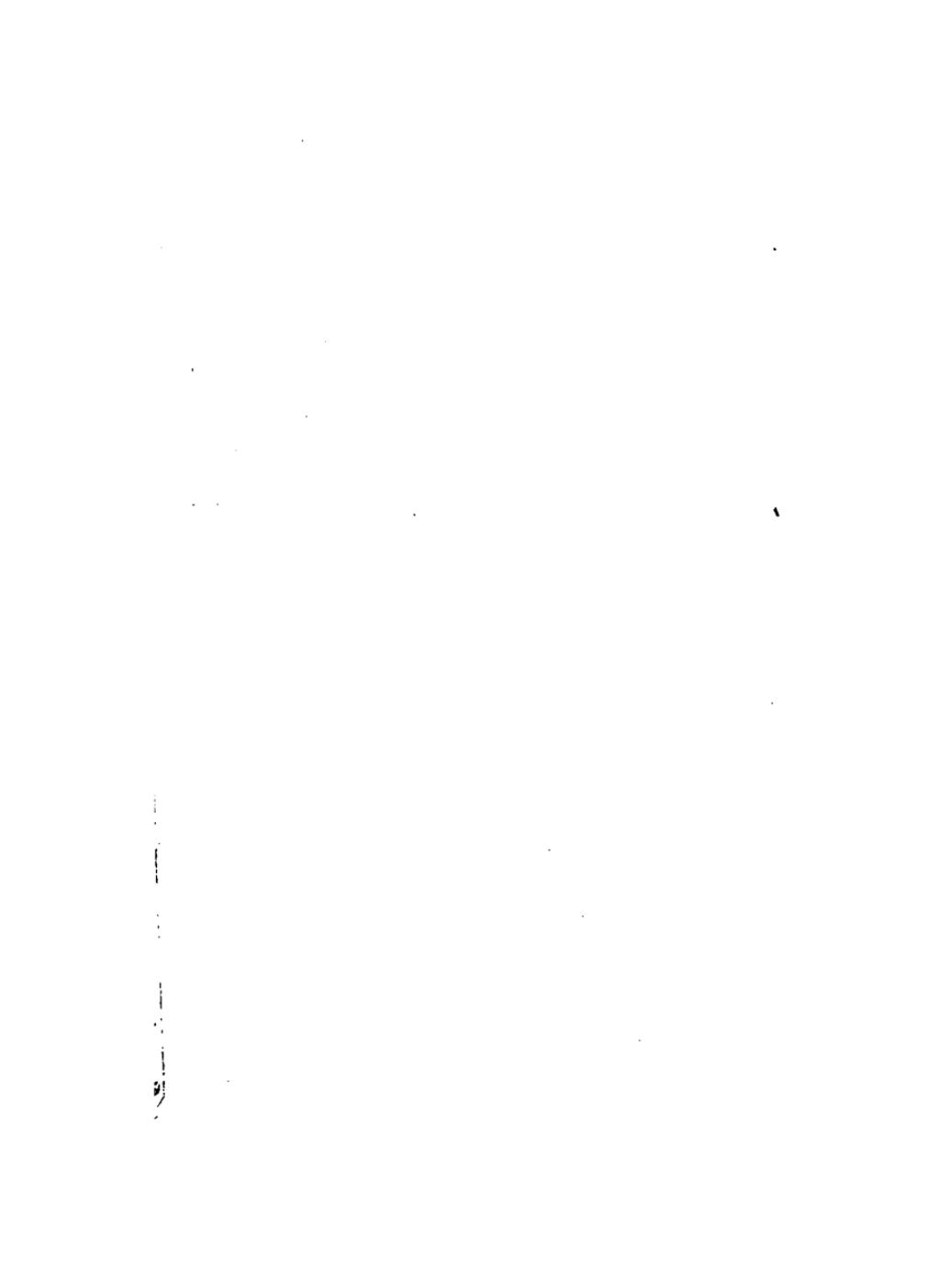
Os vá guardar no teu *Campo de Flores!*

*Coimbra, 5 de março de 1895.*

EUGENIO DE CASTRO

«A harpa de David serenava as alu-  
•cinações da mente do rei Saul; são  
•assim os versos de João de Deus pela  
•effusão do amor e da contemplação  
•mística, pela naturalidade e profun-  
•didade com que acordam o ideal em  
•uma sociedade decadente...»

Dra. THIOPULO BRAGA.



## A VIDA

Così trapassa, al trapassar d'un giorno,  
Della vita mortale il fiore e 'l verde,  
Nè, perchè faccia indietro april ritorno.  
Si rinsiora ella mai, nè si rinverde.

TASSO.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo  
A luz que n'esta vida me guiava,  
Olhos fitos na qual até contava  
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,  
Já se me a luz de tudo anuveava;  
Despontava ella apenas, despontava  
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura  
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)  
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram ;  
Nem saiba eu nunca a minha desventura  
Contar aos que inda em vida não choraram...

Ah! quando no seu collo reclinado,  
Collo mais puro e candido que arminho,  
Como abelha na flor do rosmaninho  
Osculava seu labio perfumado ;

Quando á luz dos seus olhos (que era vel-os,  
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)  
Lia na sua bocca a Biblia santa  
Escripta em letra cõr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo  
Em seus labios de rosa pouco aberta,  
Como timida pomba sempre álera  
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, como a alvéola, delicada  
E linda como a flor que haja mais linda,  
Passava como o cysne, ou como ainda  
Antes do sol raiar nuvem doirada;

Quando em balsamo de alma piedosa  
Ungia as mãos da simplice indigencia,  
Como a nuvem nas mãos da Providencia  
Uma lagrima estilla em flor sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço  
Estendendo-me os braços, como estende  
O symbolo do amor que as almas prende,  
Me dizia... o que ás mais dizer não ouço;

Quando, se negra nuvem me espalhava  
Por sobre o coração algum desgosto,  
Conchegando-me ao seu candido rosto  
No perfume de um riso a dissipava;

Quando o oiro da trança aos ventos dando  
E a neve de seu collo e seu vestido,  
Pomba que do seu par se ia perdido,  
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Quando o anel de bocca luzidia,  
Vermelha como a rosa cheia de agua,  
Em beijos á saudade abrindo a magua,  
Mil rosas pela face me esparzia;

Tinha o céo da minha alma as sete côres,  
Valia-me este mundo um paraiso,  
Distillava-me a alma um doce riso,  
Debaixo dos meus pés nasciam flores!

Deus era inda meu pae; e em quanto pude  
Li o seu nome em tudo quanto existe,  
No campo em flor, na praia arida e triste,  
No céo, no mar, na terra e... na virtude!

Virtude! Que é mais que um nome  
Essa voz que em ar se esvae,  
Se um riso que ao labio assome  
N'uma lagrima nos cae!

Que és, virtude, se de luto  
Nos vestes o coração?  
És a blasphemia de Bruto:  
Não és mais que um nome vã:

Abre a flor á luz, que a enleva,  
Seu calix cheio de amor,  
E o sol nasce, passa e leva  
Comsigo perfume e flor !

Que é d'esses cabellos de oiro  
Do mais subido quilate,  
D'esses labios escarlate,  
Meu thesoiro !

Que é d'esse halito que ainda  
O coração me perfuma !  
Que é do teu collo de espuma,  
Pomba linda !

Que é d'uma flor da grinalda  
Dos teus doirados cabellos !  
D'esses olhos, quero vel-os,  
Esmeralda !

Que é d'essa franja comprida  
D'aquelle chaile mais leve  
Do que a nuvem côn de neve,  
Margarida !

Que é d'essa alma que me déste,  
D'um sorriso, um só que fosse,  
Da tua bocca tão doce,  
Flor celeste !

Tua cabeça, que é d'ella,  
A tua cabeça de oiro,  
Minha pomba; meu thesoiro !  
Minha estrella !

De dia a estrella de alva empallidece;  
E a luz do dia eterno te ha ferido!  
Em teu languido olhar adormecido  
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

Foste a concha da praia! A flor parece  
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,  
Meu calix de crystal onde hei bebido  
Os nectares do céo... se um céo houvesse!

Fonte pura das lagrimas que chório,  
Quem tão menina e moça desmanchado  
Te ha pelas nuvens os cabellos d'oirol

Some-te, vela de baixel quebrado!  
Some-te, vôa, apaga-te, meteoro!  
É só mais n'este mundo um desgraçado!

E as desgraças podia prever-as  
Quem a terra sustenta no ar,  
Quem sustenta no ar as estrelas,  
Quem levanta ás estrelas o mar.

Deus podia prever a desgraça,  
Deus podia prever e não quiz!  
E não quiz, não... se a nuvem que passa  
Também pôde chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje,  
A vida é ai que mal soa,  
A vida é sombra que foge,  
A vida é nuvem que voa;  
A vida é sonho tão leve  
Que se desfaz como a neve  
E como o fumo se esvae:  
A vida dura um momento,  
Mais leve que o pensamento,  
A vida leva-a o vento,  
A vida é folha que cæ!

A vida é flor na corrente,  
A vida é sôpro suave,  
A vida é estrella cadente,  
Vôa mais leve que a ave;  
Nuvem que o vento nos ares,  
Onda que o vento nos mares,  
Uma apoz outra lançou,  
A vida — penna cahida  
Da aza de ave ferida —  
De valle em valle impellida  
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga  
Leva na trança os lirios que lhe puz,  
E a luz quando se apaga  
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende  
De uma flor delicada o vento sul,  
E a estrella que se estende  
N'essa abobada azul;

Como os avidos olhos de um amante  
Levam consigo a luz de um doce olhar,  
E o vento do levante  
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira  
Leva o beijo dos labios maternas,  
E á alma que suspira  
O vento leva os aís!

Ou como leva ao collo a mãe seu filho,  
E as azas leva a pomba que voou,  
E o sol leva o seu brilho...  
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,  
Senhor! és Deus e pae!  
E ao filho desditoso  
Não ouves pois um ai!  
Estrellaas déste aos ares,  
Dás perolas aos mares,  
Ao campo déste a flor,  
Freseura dás ás fontes,  
O lirio dás aos montes,  
E tiras-m'a, Senhor!

Ah! quando n'uma vista o mundo abranjo,  
Estendo os braços e, palpando o mundo,  
O céo, a terra e o mar vejo a meus pés;  
Buscando em vão a imagem do meu anjo,  
Soletro á froixa luz de um moribundo  
Em tudo só : talvez!

Talvez — é hoje a Biblia, o livro aberto  
Que eu só ponho ante mim nas rochas quando  
Vou pelo mundo ver se a posso ver;  
E onde, como a palmeira no deserto,  
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando  
A sombra do meu ser!

Meu ser... voou na aza da aguia negra  
Que, levando-a, só não levou comsigo  
D'esta alma aquelle amor!  
E quando a luz do sol o mundo alegra,  
Chrysállida nocturna a sós commigo  
Abraço a minha dor!

Dor inutil! Se a flor que ao céo envia  
Seus balsamos se esfolha, e tu no espaço  
Achas depois seus atomos subtis,  
Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia...  
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso!...  
Dante, a sua Beatriz!

— Nunca! responde a folha que o outomno,  
Da haste que a sustinha a mão abrindo,  
Ao vento confiou;  
— Nunca! responde a campa onde do somno  
E quem talvez sonhava um sonho lindo,  
Um dia despertou!

— Nunca! responde o ai que o labio vibra;  
— Nunca! responde a rosa que na face  
Um dia emmurcheceu:  
E a onda que um momento se equilibra  
Em quanto diz ás mais: Deixac que eu passe!  
E passou e... morreu!

## **ULTIMO ADEUS**

Prestes, se inda na rocha de granito  
D'onde em tempo me vias te sentares,  
Não olhes para a terra ou para os mares,  
Olha sim para o céo, que é lá que habito.

Lá tão longe de ti, mas não do terno,  
Bondoso Pae que os dois nos ha gerado,  
Só para maguas não, que bem guardado  
Nos tem tambem no céo prazer eterno.

Não se é só pó no fim de tanta magua!  
Senão, diga-me alguem que allivio é este  
Que sinto quando á abobada celeste  
Alevanto os meus olhos rasos de agua!

Mentem os céos tambem?... Os céos maldigo!  
Feras, tigres, tambem o céo povoam?  
Tambem os labios lá sorrindo coam  
Veneno desleal em beijo amigo?

Mas, na dor é que os astros nos sorriem,  
E os homens não sorriem na desdita:  
Astros! fio-me em vós, e Deus permitta  
Que os infelizes sempre em vós se siem.

Intima voz do fundo, bem do fundo  
De alma me diz (e as lagrimas me saltam):  
Vês os milhões de soes que o espaço esmaltam?  
Pisa a terra a teus pés, ainda ha mais mundo;

Ha depois d'esta vida ainda outra vida:  
Não se reduz a nada um grão de areia,  
E havia de a nossa alma, a nossa idéa  
Nas ruinas do pó ficar perdida?

— Isso que pensa e quer (até me admiro!).  
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva,  
Isso que me abre o céo, que ao céo me eleva  
N'um teu cansado olhar, n'um teu suspiro!

Onde, não sei eu bem, mas sei que existe  
Deus remunerador. Depois de mortos  
Hemos de ver-nos, e um no outro absortos  
Fartar de glorias este amor tão triste.

— Tão triste, e o coração que me adivinha?...  
N'este supplicio nosso, este tormento  
Nunca dos labios teus minimo alento  
N'um só beijo bebi em vida minha!

E morro sem te ver! Cabeça douda,  
Desassisado amor! Sonhar afficto  
Um sonho até morrer!... Não! resuscito;  
Morto tenho eu vivido a vida toda!

## O SEU NOME

Ella não sabe a luz suave e pura  
Que derrama n'uma alma acostumada  
A não ver nunca a luz da madrugada  
Vir raiando, senão com amargura!

Não sabe a avidez com que a procura  
Ver esta vista, de chorar cansada,  
A ella... unica nuvem prateada,  
Unica estrella d'esta noite escura!

E mil annos que leve a Providencia  
A dar-me este degredo por cumprido,  
Por acabada já tão longa ausencia,

Ainda n'esse instante appetecido  
Será meu pensamento essa existencia...  
E o seu nome, o meu ultimo gemido!

Oh! o seu nome,  
Como eu o digo  
E me consola!  
Nem uma esmola  
Dada ao mendigo  
Morto de fome!

N'um mar de dores  
A mãe que afaga  
Fiel retrato  
Do amante ingrato,  
Unica paga  
Dos seus amores...

Que rota e nua,  
Tremulos passos,  
Só mostra á gente  
A inocente  
Que traz nos braços  
De rua em rua;

Visto que o laço  
Que a prende á vida  
É só aquella  
Candida estrella,  
Que achou cahida  
No seu regaço;

(Não que lhe importe  
A ella nada...  
Que tudo escusa;  
E até accusa  
De descuidada  
Comsigo a morte!)

Mão bemfazeja,  
Se por ventura  
Encontra um dia...  
Com que alegria,  
Com que ternura  
Ella a não beija!...

Mas com mais quanto  
Amor te escrevo,  
Soletro e leio,  
Nome de enleio,  
Nome de enlevo,  
Nome de encanto!

Como a agua de um lago, toda um nivel,  
Vae de circulo em circulo ondeando,  
Se a andorinha a roça ao ir voando  
Atrás de algum insecto imperceptivel;

E quebrado esse espelho em mil pedaços  
(Que a imagem do céo desapparece),  
Em circulos concentricos parece  
Tornarem-se a formar novos espaços...

Ou como d'entre as notas ineffaveis  
Dos canticos do céo — todo harmonia —  
Mal sôa o doce nome de MARIA,  
Pasmam as multidões innumeraveis;

E de onda em onda cada vez mais larga,  
De lyra em lyra cada vez mais pura,  
O nome d'essa excelsa creatura  
Por todo aquelle immenso mar se alarga;

E tudo quanto cérca o throno eterno  
Áquella doce voz desprende o canto,  
Formando um côro universal, emquanto  
Reina silencio no profundo inferno...

Assim n'esta paixão que me devora,  
Se aos labios essas syllabas me assomam,  
As negras sombras da minha alma tomam  
Gradualmente o esplendor da aurora!

Toda a idéa má recua um passo,  
Aplanam-se os dominios do futuro,  
E do crystal mais transparente e puro  
Se me arqueia a abobada do espaço!

Desdobra-se o passado á luz do dia  
Em valle ameno aos olhos da memoria,  
E eu acho não ser perfida, illusoria,  
A fé que eu punha em certa luz que eu via...

Vejo que aquelle informe e negro monte,  
Que me tapava a mim o fim da vida,  
Não era mais que a natural subida  
Para se dominar vasto horizonte!...

Que horizonte és tu, pombinha brava!  
Tu cujo peito, que aliás encerra  
O que ha de bello e grande em céo e terra  
Só com duas conchinhas se tapava...

Mas emquanto não chego áquella altura,  
Donde se avista a terra promettida,  
Irei cantando, distrahindo a vida  
Com essa invocação suave e pura:

**Invocação de nome tão suave  
Como esse olhar, que eu só de ver suspiro!  
Mas que invoco em silencio... como admiro  
A luz da lua e o olhar da ave!**

**E se algum dia  
Deres abrigo  
Ao desgraçado  
Pobre mendigo,  
Expatriado,  
Morto de fome,  
Dize comigo:  
«Mais consolado  
Se elle sentia  
Lendo o meu nome!»**

## CARTA

Maria! ver-te á porta a fazer meia,  
Olhando para mim de vez em quando,  
É o que n'esta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando  
Por que rompa a manhã e tenha o gosto  
De te ver já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até sol-posto  
Que tu não tens descanso um só momento;  
Por isso tens tão bella côr de rosto!

E eu pallido, Maria! O pensamento  
Não é trabalho que nos dê saude;  
Esta imaginação é um tormento.

Que bello tempo aquelle em quanto pude  
Levar, como tu levas, todo o dia  
N'essa vida chamada ingrata e rude!

Nunca soube o que foi melancolia,  
Nunca provei as lagrimas salgadas  
Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava sim por essas cumeadas  
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,  
Vendo os valles das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,  
De pontal em pontal cortando o matto  
Pelas chapadas fóra do caminho;

Mas não era que já o teu retrato  
Me andasse a mim no coração impresso,  
Onde hoje o trago no maior recato,

E um desengano teu, que não mereço,  
Me tivesse tirado a fé tão doce  
De alcançar algum dia o que appeteço.

Não foi, não, a paixão que assim me trouxe  
Tão erradio a mim, digo a verdade  
E nem eu te negava se assim fosse;

E que a gente na sua mocidade  
Não cabe em si, não pára de contente,  
E assim fui eu na flor da minha edade.

Tu eras n'esse tempo simplesmente  
A flor que vae nascendo, e mais valia  
Seres tão tenra ainda e innocent!

Já esse lindo pé que tens, Maria!  
Esse quadril tão largo e cinta estreita  
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encantos de mulher perfeita,  
Esse peito redondo e arqueado  
Como o de pomba farta e satisfeita!

Talvez vivesse então mais socegado,  
Ou já que minha sorte é sempre triste,  
Ao menos não andasse enfeitiçado.

Esse bello pescoço... não existe  
Outro assim torneado; o rosto é lindo  
E a tão meiga expressão ninguem resiste.

A boeça e tão vermelha que em te rindo  
Lembra-me uma romã aberta ao meio  
Quando já de madura está cahindo.

Esses olhos azuis... que olhar! Receio  
E desejo estar sempre a contemplá-lo;  
Não há mais alor e mais custoso enleio:

Em todo ouço talor entoar nem falo  
De entoado que estou e juntamente  
Gemeado e abatido os ris que exhalo.

Oh myem da maré respiro fresco,  
Muito red de sota del cada.  
Cada dia um grande que prende a gente!

Bom poetas! Muito amar ligado  
No vento que calvo e a seco chama  
Da velha aveiro de manhã horada.

É tudo encantador. A gente cansa,  
Cansa de estar olhando e sempre vendo  
Um novo encanto a cada olhar que lança!

E se essa linda voz nos sae dizendo  
As mimosas palavras que costuma,  
Sente-se a gente logo derretendo;

Que além de um rosto tão perfeito, em summa  
Coube-te em sorte um coração perfeito  
E em ti não ha, Maria! falta alguma!

Oh que ditoso, alegre e satisfeito  
Não viverá o homem que algum dia  
Sentir pular-te o coração no peito,

E que em deliciosissima agonia,  
Vendo-te já os olhos desmaiando  
Como desmaia o céo á luz do dia,

Nas azas da ventura atravessando  
Os espaços de um extase ineffavel  
Abraçado comtigo fôr voando

Lá para onde tudo é bello e estavel!

## **MARINA**

*Apparição*

Como esse olhar é doce!  
Doce da mesma sorte  
Como se nunca fosse  
Toldado pela morte:

Como se alumiasse  
O sol ainda em vida  
As rosas d'essa face..  
Agora emmurchecida!

Colhesse-as eu mais cedo,  
E logo que alvorece...  
Já não tivesse medo  
Que a terra m'as comesse!

Mas pura como a neve  
Que ás vezes cár na serra,  
É que a nossa alma deve  
Também voar da terra.

Gelasse a morte fria  
A mão profanadora  
Que te ennublasse um dia  
A luz que dás agora!

É n'essa côr tão linda,  
Rosa da madrugada!  
Que sinto a alma ainda  
Andar-me enfeitiçada!

Se um dia nos meus braços  
Te desbotasse as côres,  
Passavam os abraços...  
Passavam os amores!

Oh! não: mil vezes antes  
No céo lá onde habitas,  
E os rápidos instantes  
Que vens e me visitas

N'este degredo nosso,  
Que tanta gente estima,  
E eu, só porque não posso,  
Não largo e vou lá cima.

Vem tu cá baixo, abala,  
Deixa em podendo o collo  
Tão terno que te embala,  
E vem-me dar consolo!

Como essa imagem pura  
Ah! sobrevive ao nada  
E escapa á sepultura,  
Tão fresca e perfumada!

Nunca uma noite eu deixe  
De estar a ver que existes,  
Em quanto me não feche  
O sonno os olhos tristes;

E n'esse largo espaço  
Que te não vejo, espero  
Lhe contes o que eu passo  
N'este aspero desterro;

Que assim que te não veja  
É noite fria e escura,  
Noite que mette inveja  
Á mesma sepultura!

*Saudade*

Em accordando agora,  
O meu contentamento  
É ver em cada aurora  
Um dia de tormento...

Pudesse eu dar-te a prova  
Dos dias que me esperam,  
Lançando-me na cova  
Onde elles te puzeram!

Lançassem-me algum dia  
Ao pé, que de repente  
O coração te havia  
De ainda pular quente...

A face cobrar logo  
A fórmá e còr perdida,  
E a bocca toda fogo  
Ah! inspirar-me a vida!

Supplica, ó anjo! implora  
Ao Pae universal  
Que me deixe ir embora  
D'este horroroso valle

De lagrimas amargas  
E turvas de tal modo,  
Como umas nuvens largas  
Que tapam o céo todo!

*Eternida*

Inferno e céo conforme  
A nossa fé, confesso  
Que é um mysterio enorme,  
E um mysterio immenso...

Mas um mysterio é tudo:  
Folhinha de herva, e estrella,  
Não ha comprehendel-a!  
É contemplal-a mudo.

E a herva como existe,  
A mim quem m'o diria,  
Se a luz que me alumia  
Nem sabe em que consiste?

Mas uma coisa sabe  
O que a cabeça ignora  
— O coração... que mora  
Em peito onde não cabe!

Ha uma luz mais clara  
Que a luz do pensamento:  
A d'essa imagem cara...  
A d'este sentimento!

... 21 de setembro

Ha uma hora ou mais,  
Marina! que contemplo  
A casa de teus paes  
Que é para mim um templo.

Está a porta aberta,  
E vejo alumada  
A parte descoberta  
Da casa da entrada.

Lá andam a passar  
Do quarto onde acabaste  
Á casa de jantar  
Os vultos que deixaste.

Os vultos que os vestidos  
Tão negros que puzeram,  
De lucto, tão compridos,  
Não sei que ar lhes deram!

A tua bella irmã,  
A tua Piedade,  
A rosa da manhã,  
A flor da mocidade,

Quem lhe diria a ella,  
Tão cheia de alegria,  
Que haviamos de vel-a  
Assim já hoje em dia!

É esta vida um mar...  
E bem se pôde a gente,  
Marina! comparar  
A rapida corrente,

Que vae de lado a lado  
Por esses valles fôra  
Sem nunca lhe ser dado  
Ter a menor demora:

Pára quando a engole  
Aquelle mar sem fundo;  
Nem pára; é como o sol  
E como todo o mundo...

Ahi não pára nada,  
Tudo viaja e anda,  
Que a ordem lhe foi dada,  
E dada por quem manda.

Chega a corrente lá,  
Engole-a logo a onda:  
Depois, que é d'ella já?  
A nuvem que responda;

Que a nuvem que nos passa  
Pela manhã nos ares,  
Era hontem a fumaça  
Que andava n'esses mares;

E a nevoa que tu vês  
Nas ondas fluctuantes,  
Corria-nos aos pés  
Talvez um dia antes.

A agua é que no giro  
Em que anda eternamente  
Não deu nunca um suspiro  
Em prova de que sente...

.....

## INNOCENCIA

A Alberto Telles

Encolhe as azas, que te abrazas, louca!  
O fogo mata a quem o gera, attende;  
Foge e, se a vida te aborrece, estende  
Um braço aos anjos, que a distancia é pouca.

Porque uma nuvem, onda transitoria  
Do mar immenso, vem poifar na serra,  
Não fica a nuvem pertencendo á terra:  
Tu és o anjo que desceu da gloria.

Extranhas forças para ti me attraem;  
E ás vezes cedo, tua cinta enleio,  
Teus olhos beijo, mas contemplo o seio,  
Tua alma dorme, e os meus braços caem...

Desfalecidos, flor celestial,  
Como ante um berço cae a foice erguida,  
Se ha n'elle mais do que uma simples vida,  
Se ha innocencia que mil vidas vale.

Oh! não: teus labios o meu fel não provem;  
Outros os lirios d'essa face esmaguem;  
De outros mãos impias teu sorriso apaguem  
Emquanto os labios tuas graças louvem.

Já no meu berço de innocencia pude  
Pesar as joias que hoje em vão te invejo:  
Provei os favos de illibado pejo,  
Sei o que perde quem o vicio illude.

Alcantil ingreme, onde o raio é certo,  
Contém mais seiva, que inda o musgo cria:  
Quanto de fertil em nossa alma havia  
Só deixa o ermo da saudade aberto.

Cahir no abysmo de intimos pesares  
D'essas alturas onde mal te vejo,  
O ponto estava em derreter n'um beijo  
O fio de oiro que te prende aos ares.

N'esses dois cofres, n'esse collo, onde  
Tantas riquezas enterrei ciumento  
E que alta noite véla o pensamento  
Pelo crystal que o coração te esconde,

Em oiro em barra, fina prata e quanto  
Coalha o vasto e opulento Oriente,  
Fôra em ruinas encontrar sómente  
Carvão, se um dia te quebrasse o encanto!

Casta innocencia, de Deus filha e bella  
Entre as mais bellas! virginal aroma!  
Rosa ineffavel que, se á luz assoma,  
Haste e raiz apodreceu com ella!

Sol que uma vez em nossa vida passas!  
Flor que uma é neutra, como Deus, não gera;  
Que se abre morre, mas sem prole, inteira  
Com todo o côro das virgineas graças:

Ao ver-te, embora meu olhar te envia  
O impio incenso de Nadab, ajoelho...  
Rosa da face e, não só rosa, espelho  
Da face occulta de quem espalha o dia!

Se por teus membros orvalhadas flores  
Prodigas mãos da formosura entornam,  
Flores mais bellas o teu seio adornam...  
Vós, lirios de alma, virginæ amores!

O céo me encanta, como encanta o inferno :  
Mysterio... espaço... mente exploradora !  
Morre nas mãos o que a nossa alma adora  
— Vago, impalpavel, infinito, eterno !

## **HERESTA**

**A José Falcão**

**Que magua ou que receio  
Dos olhos te desata  
Esse collar de prata  
No jaspe do teu seio?**

**Bem intima ser deve  
A pena que te opprime,  
Flor tenra como o vime  
E pura como a neve!**

— Compunge-te isso, doe-te  
Ver esmaltando o calix  
Da erma flor dos valles  
O balsamo da noite?

Se aos olhos nos affluem  
As lagrimas parece  
Que a dor nos adormece,  
E as maguas diminuem.

— Heresta! pois inclina  
Na minha a tua face,  
Deixa que me repasse  
Teu balsamo, bonina!

Abraça-me, divide  
Commigo esse consolo!  
Enlaça-te ao meu collo  
Como ao olmeiro a vide!

Ás vezes tambem quando  
Os olhos se mē estendem  
Ás luzes que se accendem  
No templo venerando;

Tão intima saudade,  
Tão intimo desejo  
De um mundo que não vejo,  
Me inspira a immensidão,

Que o pranto se agglomera  
Na palpebra onde morre...  
Sim, gela-se, não corre,  
Tal é a dor que o gera.

— É Deus que a si te aspira,  
É Deus que ao céo te chama;  
Que em tudo amor derrama,  
A tudo amor inspira!

Canta-o, o Justo, o Santo!  
E a flor que o campo adorne  
Thuribulo se torne  
Ouvindo o doce canto.

— Inspira-o, pois, inspira,  
Virgem de intacto pejo!  
Seja um teu riso o harpejo,  
E um teu cabello a lyra!

«O sol já da montanha  
Nos disse adeus! adeus!  
E a cupula dos céos  
Ficou pallida e estranha.

«E aquella que a bondade  
De Deus em si reflecte,  
Em quanto ao sol compete  
Mostrar-Lhe a majestade,

«À luz extrema de hoje  
Ergueu livida a face  
Com medo que avistasse  
Quem busca, e de quem foge!

«Fluxo e refluxo eterno  
De alma contradictoria  
Que após continua gloria  
Anda em contínuo inferno!

«Poeta! é copia tua,  
Suppicio igual te inquieta!  
Mas que alma de poeta  
Teu seio arqueia, oh lua?

«Amor! amor como este,  
Visão timida e casta,  
Em giro eterno arrasta  
A lampada celeste!

«Como esse que a deshoras  
A ti te ergue a cabeça  
E aos ermos te arremessa  
Em busca do que adoras.

•Mas ah! pallido globo!  
É pio de ave nocturna?  
Echo em alguma furna  
Do uivo de algum lobo?

«Oiço uma voz... escuta:  
É ella a voz que se ouve,  
Ou monge que inda louve  
A Deus de alguma gruta!

•Quem lá em baixo á escarpa  
Do ingreme penedo  
No tremulo arvoredo  
Entorna os sons de uma harpa?

«É ella a minha Heresta,  
A minha branca ermida  
Do ermo d'esta vida  
Mais erma que a floresta?

«Ah vulto meu querido!  
A que ergue ella o seu braço?  
És tu... Vae, cruza o espaço,  
Minha alma, n'um gemido!

«Tu, lua, que no valle  
De Aialon paraste,  
Já viste em sua haste  
Suspenso lirio egual?

«Não é, não é mais bella  
A rosa entre os abrolhos,  
Nem ha como os seus olhos  
No céo nenhuma estrella!

«E á luz de uma alvorada  
Apenas desabrocha,  
Nos angulos da rocha  
Vel-a despedaçada!

«Vós, lobos! ide em bando,  
Trepae pelo rochedo,  
Uivae, mettei-lhe medo,  
Levae-a recuando!

«Que faz quem se approxima  
De um precipicio, diz'-m'o?  
Que buscas tu no abysmo  
Se o céo é lá em cima?

«Não tarda muito, creio,  
Que acabe esta ancia nossa,  
E Deus unir-nos possa  
No seu eterno seio!

«É lá que a alma fala,  
Lá que o amor se mede,  
Que em brilho o sol excede,  
E em gloria a Deus iguala!

«Na nuvem do futuro  
Teus vagos olhos prega!  
Depois de noite negra  
Vem sempre um céo mais puro!»

E agora se o desejo  
Te satisfiz, em premio  
De um canto de alma gêmeo,  
Um gêmeo e doce beijo!

## **AMORES AMORES**

Não sou eu tão tola,  
Que caia em casar;  
Mulher não é rola,  
Que tenha um só par:  
    Eu tenho um moreno,  
Tenho um de outra côr,  
Tenho um mais pequeno,  
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,  
Se apenas o dou,  
Desfaz-se-me o pejo,  
E o gosto ficou?

Um d'elles por graça  
Deu-me um, e depois,  
Gostei da chalaça,  
Paguei-lhe com dois.

Abraços, abraços,  
Que mal nos farão?  
Se Deus me deu braços,  
Foi essa a razão:  
    Um dia que o alto  
Me vinha abraçar,  
Fiquei-lhe de um salto  
Suspensa no ar.

Vivendo e gosando,  
Que a morte é fatal;  
E a rosa em murchando  
Não vale um real:  
    Eu sou muito amada,  
E ha muito que sei  
Que Deus não fez nada  
Sem ser para quê.

Os paes eram pobresinhos,  
Não a podiam trazer  
Bem vestida, coitadinhos,  
Mas que haviam de fazer!

Nem tudo a todos é dado,  
E vestir bem, vestir mal...  
Andar limpinho, asseado  
É o ponto principal.

Ella o cabello, as orelhas,  
O rosto, o pescoço, emfim  
As mesmas chitinhas velhas  
Cheiravam a alecrim!

Só isto, fosse ella cega,  
Lhe dava graça a valer;  
Quanto mais sendo tão meiga,  
Que mais não podia ser:

Às vezes, que não havia  
Nem um boccardo de pão,  
E a pobre mãe não podia  
Disfarçar a afflição,

Já ella, toda anceada  
Por ver a chorar a mãe,  
Principiava, coitada,  
Com as lagrimas tambem:

— Não sei porque se consomme  
Em não tendo que me dar;  
A mim não me custa a fome,  
Custa-me vel-a chorar! —

E beijando e abraçando  
A mãe para a distrahir,  
Toda trémula, chorando,  
Fingia que estava a rir! . . .

Quando chegou á edade  
De já dizer tudo bem,  
Claro e com facilidade,  
A mãe fez o que convem:

Pôl-a na eschola (quê a gente  
Não é como os animaes,  
Que vêm unicamente  
Com os olhos, nada mais;

Quem teve a grande desgraça  
De não apprender a ler  
Sabe só o que se passa  
No logar onde estiver,

Assim como um porco immundo  
Que vê dois palmos do chão:  
Do mais que vae pelo mundo,  
Nunca pôde dar razão).

Pôl-a na eschola que havia  
De uma senhora de bem,  
Que ensinava, e recebia  
Só dos ricos, mais ninguem.

Lá a levou vestidinha  
Pobremente, já se vê,  
E toda envergonhadinha,  
Talvez sem saber de quê!

A mestra que se a algumas  
Tratava com mais amor,  
Era ás pobres, disse a umas  
Das que trajavam melhor:

— «Todas são alumnas minhas;  
Aqui todas são eguaes  
(E ás vezes as pobresinhas,  
Tendo menos, valem mais...»

Façam logar as meninas  
A esta que agora vem;  
Como é das mais pequeninas  
No meio, ahi, fica bem.

E ella assentou-se no meio  
Das taes, por signal até,  
Mostrando certo receio  
De se lhes chegar ao pé.

Com efeito era mania  
Das taes meninas mofar  
De alguma que não podia  
Tanta riqueza ostentar:

E mal viram descuidada  
A mestra com outras, diz  
A que era mais estouvada  
Zombando da infeliz:

— «Quem lhe deu esse vestido?  
Isso era da sua mãe?  
Porque lhe está tão comprido!  
Isso que prestimo tem?»

Diz a ontra: — «Olha esta fita  
De cabello!... Era melhor  
Atal-o com uma guita...  
Já nem se lhe sabe a cõr!»

Assim levaram o dia,  
A ponto que já as mais  
Entravam na zombaria  
Que estavam fazendo as taes.

A pobre, com a vergonha  
Por que a fizeram passar,  
À noite deita-se e sonha...  
Que havia de ella sonhar?!

Que vê cahir uma estrella  
Do grande collar de Deus,  
Tão brilhante, que só ella  
Alumiava esses céos;

E a estrella vinha descendo,  
Amparando-se no ar,  
Como uma pomba sustendo  
As azas para poistar...

E poisou a poucos passos;  
E ella, cega de esplendor,  
Sente que a tomam n'os braços  
E a beijam com muito amor:

Beijos como só lhe dera  
A propria mãe que a creou;  
Mas essa mãe... bem não era...  
Quem era!?... E u'isto acordou.

Abre os olhos, vê na meza,  
Onde a mãe tinha uma cruz,  
Oh que enxoval! que riqueza!  
E põe-se: — Jesus! Jesus!» . . .

Acode a mãe, e pasmada,  
Espantada do que vê,  
De mãos postas, ajoelhada,  
Reza... sem saber o quê!

Ergue-se então e desdobra  
Uma capa, um chale, um véo,  
Vestidos muitos de sobra,  
E tudo feito do céo...

D'aquella seda tão pura,  
De tão delicada côr  
Que a gente vê n'essa altura  
Onde está Nosso Senhor;

E assim toda entremeada  
De estrellinhas taes e quaes,  
As de uma noite estrellada,  
Brilhantes como crystaes!

Ao outro dia Angelina  
Vae á eschola, e mal entrou,  
Parece que a luz divina  
Toda a casa alumiou!

Oh! como aquellas vaidosas  
Não haviam de ficar...  
De vergonha as presumçosas  
Nem levantavam o olhar!

Assim é que a Providencia  
Costuma fazer aos vis,  
Que levam a insolencia  
A zombar de um infeliz!

Hoje é dia dos teus annos;  
O presente que te dou,  
É mostrar-te os desenganos  
Que esperam quem se exaltou.

Quizera que toda a vida  
Te conservasse o Senhor  
Meiga, humilde e condoida  
Com a miseria e a dor!



